

Indicador de Confiança do Consumidor

Março 2017

Sistema CNDL

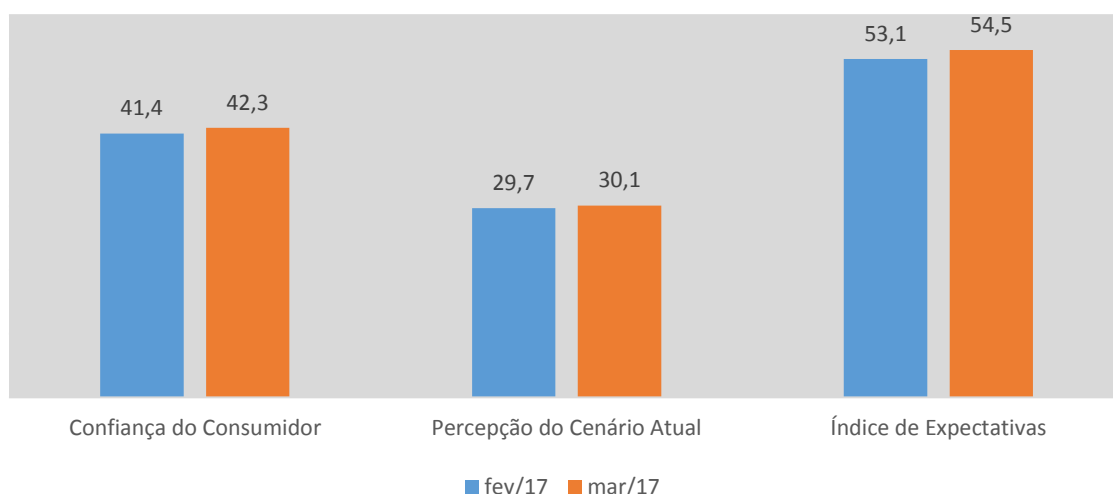


Para 81% dos brasileiros, economia ainda vai mal

Em março de 2017, o Indicador de Confiança do Consumidor registrou 42,3 pontos. Pela metodologia, quando abaixo dos 50 pontos, o Indicador mostra que o pessimismo é predominante entre os consumidores; quando acima, mostra que o otimismo é predominante. O Indicador é calculado em quatro dimensões: tanto para a economia quanto para a própria vida financeira, os entrevistados avaliam o momento atual e também dizem o que esperam para os próximos seis meses. O resultado de março mostra os consumidores com uma avaliação bastante negativa do momento atual, principalmente quando o assunto é a economia. A despeito disso, porém, mantêm alguma esperança quando pensam no futuro.

O último dado ficou acima daquele observado em fevereiro, quando o indicador marcara 41,4 pontos, mas não é possível falar em uma tendência de crescimento. A consolidação da confiança dependerá de uma série de eventos políticos e econômicos. No campo político, o risco de novas instabilidades e o avanço de reformas tidas por impopulares poderão afetar o humor dos consumidores. Em contrapartida, no campo econômico, se confirmadas as previsões, a interrupção de longos meses de recessão poderá devolver algum ânimo aos consumidores e também empresários, podendo ensejar o início de ciclo virtuoso de crescimento.

Indicador de Confiança

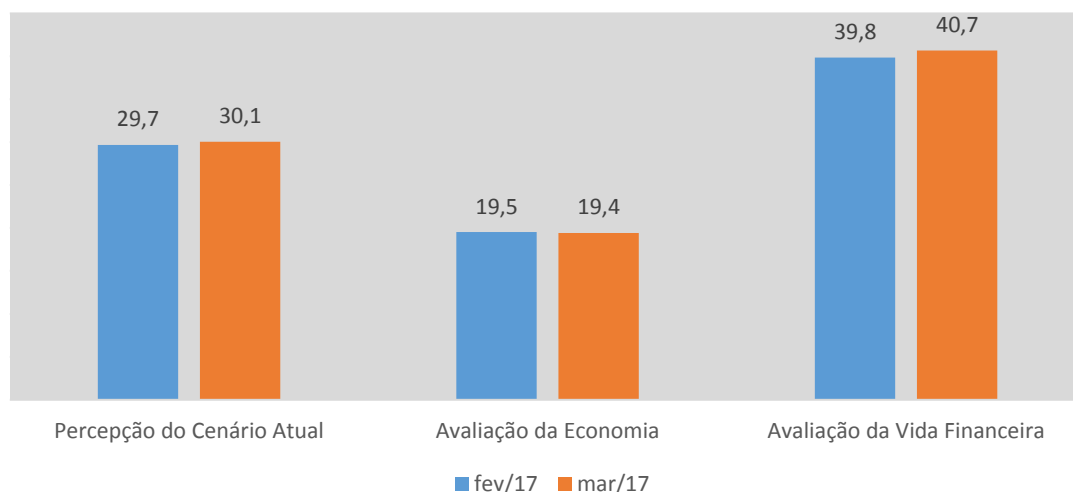


Indicador de Percepção do Cenário Atual

Desempenho da economia faz consumidores avaliarem o momento atual como ruim

O Indicador de Percepção do Cenário Atual registrou 30,1 pontos em março de 2017. O resultado ficou um pouco acima do observado no mês anterior, quando marcara 29,7, mas ainda dista da marca do otimismo. No quesito da economia, a avaliação pontuou 19,4. Já no quesito das finanças, pontuou 40,7. Em suma, o momento atual é ruim para a economia e isso afeta a vida financeira dos consumidores. Porém, a percepção de deterioração da economia é mais acentuada do que na vida pessoal.

Indicador de Percepção do Cenário Atual



Em termos percentuais, 81,3% enxergam que as **condições econômicas** são ruins ou muito ruins atualmente, ante apenas 2,3% que as consideram boas ou muito boas. Para 15,6%, o quadro econômico atual é regular. Entre os que fazem uma **avaliação negativa** do estado da economia brasileira, mais da metade (53,4%) identifica na corrupção e no mal-uso do dinheiro público a causa do problema. Há também 35,7% que apontam os sintomas da crise: 26,5% dizem que o desemprego está alto e 9,2% dizem que os preços em geral subiram. O destaque dado à corrupção pode ser explicado pelas apurações recentes de desvios de recursos públicos divulgadas na imprensa.

POR QUE AVALIA MAL A ECONOMIA

Corrupção, mal uso dos recursos públicos	53,4%
O desemprego está alto	26,5%
Os preços de produtos e serviços em geral aumentaram	9,2%
As taxas de juros estão altas	4,9%
Outros	6,0%

Quanto à **própria vida financeira** no momento atual, 39,8% dos entrevistados fazem uma **avaliação negativa**, considerando-a ruim ou muito ruim. Além destes, 46,0% dizem considerar a situação regular e 13,6% dizem considerar boa ou muito boa. Entre os que avaliam mal a vida financeira, a principal justificativa é o desemprego, mencionado por 32,7% desses entrevistados. A dificuldade no pagamento de contas foi citada por 27,7%, seguida pela queda da renda familiar (14,5%) e do pagamento de dívidas em atraso (9,1%). 6,9% mencionam ainda a perda do controle financeiro. O desemprego, que é a principal razão para o desconforto com a vida financeira, nunca é uma questão de escolha, mas há o que fazer para se atenuar o impacto dessa perda. Uma recomendação é a constituição de reserva financeira, o que poderá exigir a renúncia de parte do consumo e, principalmente, o controle financeiro do orçamento mensal.

POR QUE AVALIA MAL A SUA VIDA FINANCEIRA

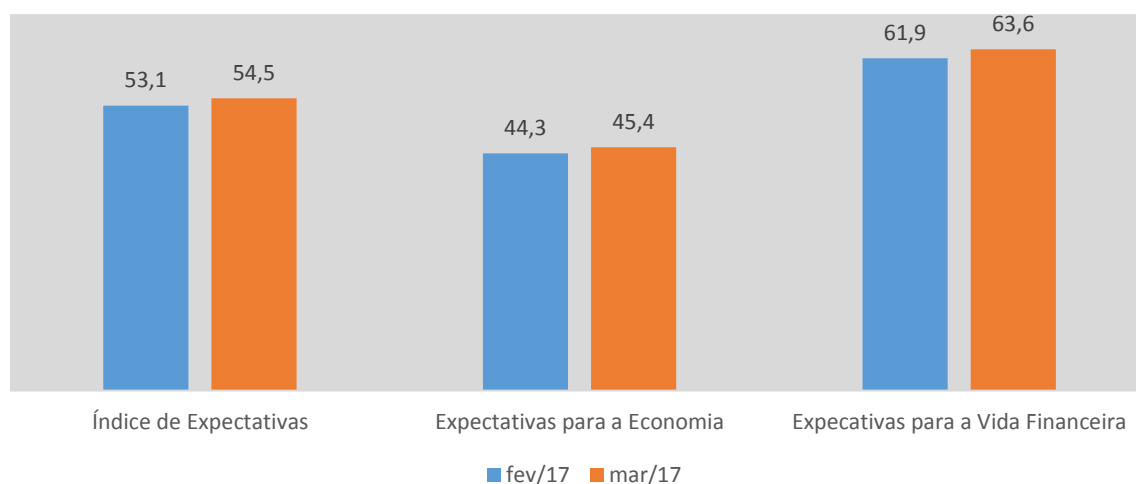
Estou desempregado	32,7%
Estou com dificuldades de pagar as contas, orçamento apertado	27,7%
A renda familiar diminuiu e tive que reduzir o consumo	14,5%
Estou com pagamento de dívidas em atraso	9,1%
Perdi o controle financeiro	6,9%
Outros	9,1%

Indicador de Expectativas

Apesar do momento atual ser visto como ruim, consumidores esperam cenário melhor nos próximos seis meses

O Indicador de Expectativas registrou **54,5 pontos** em março. Com isso, ficou acima do nível neutro e do resultado de fevereiro, quando apontara 53,1 pontos. A diferença entre o componente de expectativas e o componente das condições gerais mostra que, apesar do mau momento, os consumidores enxergam o futuro com alguma esperança. Tomando-se somente as expectativas sobre a economia, o indicador marcou 45,4 pontos. Quando, porém, se toma as expectativas sobre a própria vida financeira, o indicador atinge 63,6 pontos. Em síntese, o quadro é de maior otimismo quando se trata do futuro, na comparação com o presente, e de maior otimismo quando se trata da condição pessoal, na comparação com a economia.

Indicador de Expectativas



A maioria relativa (32,3%) diz não estar nem pessimista nem otimista com o **futuro da economia**. Já os pessimistas somam 36,5% e os otimistas, 26,6%. Para justificar o **pessimismo** com os próximos seis meses da economia, mais uma vez a questão da desconfiança com a representação política aparece: mais da metade desses entrevistados (53,8%) cita a corrupção, a incompetência dos governantes e a falta de punição dos políticos como a principal razão de seu desalento. Para 19,9%, a razão do pessimismo é aumento do desemprego. Há ainda 8,2% que se dizem pessimistas por discordar das medidas econômicas que vem sendo tomadas pelo governo e 7,5% que acreditam que a inflação não será controlada.

POR QUE ESTÁ PESSIMISTA COM O FUTURO DA ECONOMIA

Corrupção e incompetência dos governantes	29,1%
Devido a corrupção e falta de punição dos políticos	24,7%
Porque o desemprego segue aumentando	19,9%
Porque discordo das medidas econômicas que vêm sendo adotadas	8,2%
A inflação não será controlada e os preços continuarão subindo	7,5%
Outros	10,6%

Já entre os **otimistas** com a economia, a maior parte (47,4%) não sabe dizer as razões de seu otimismo: apenas diz acreditar que coisas boas irão acontecer. 13,6% dizem estar confiantes porque aprovam as medidas econômicas que estão sendo adotadas. O mesmo percentual diz acreditar que o pior já passou. 7,5% dizem que os consumidores estão voltando a comprar.

POR QUE ESTÁ OTIMISTA COM O FUTURO DA ECONOMIA

Não sei porque, mas estou otimista, sinto que boas coisas irão acontecer	47,4%
Concordo com as medidas econômicas que vêm sendo adotadas	13,6%
O pior momento da crise política passou	13,6%
As pessoas voltaram a comprar/consumir mais	7,5%
Outros	17,8%

Quando se trata das **expectativas com a vida financeira**, a grande maioria (61,5%) diz estar otimista, enquanto 21,0% diz não estar nem otimista nem pessimista. 13,6% têm expectativas ruins ou muito ruins. Entre os otimistas, a maior parte (31,9%) não sabe dizer por que estão confiantes, apenas acreditam que a situação irá melhorar. Mesmo com o desemprego ainda em alta, 26,8% dizem-se otimistas por acreditarem que podem conseguir um novo emprego ou uma promoção (14,4% acreditam que conseguiram um novo emprego e 12,2% com a perspectiva de um emprego melhor ou promoção). Há também 12,4% que apostam na melhora da economia.

RAZÕES DO OTIMISMO COM VIDA FINANCEIRA

Não sei por que, mas tenho o sentimento de que as coisas vão melhorar	31,9%
Acredito que conseguirei um novo emprego	14,4%
Tenho feito uma boa gestão das minhas finanças	12,4%
Porque a economia vai melhorar	12,4%
Tenho perspectivas de conseguir um emprego melhor ou promoção no emprego atual	12,2%
Estou investindo na profissão	6,5%
Outros	10,2%

Entre os que estão **pessimistas** com a vida financeira, as razões mencionadas foram: o fato de a vida financeira estar ruim (24,8%); percepção de que a crise econômica pode continuar (23,9%); a percepção de que os preços continuaram crescendo (13,8%); o acúmulo de dívidas (11,9%); e a falta de perspectiva de conseguir um emprego (10,1%).

RAZÕES DO PESSIMISMO COM VIDA FINANCEIRA

Minha situação financeira está ruim	24,8%
A crise econômica ainda pode continuar	23,9%
O preço das coisas continua aumentando	13,8%
Porque acumulei dívidas e preciso quitá-las	11,9%
Estou desempregado e não tenho expectativas de conseguir um novo emprego	10,1%
Outros	15,6%

Apesar de a crise já durar mais de dois anos, os consumidores mantêm o otimismo quando pensam nos próximos seis meses. As projeções do mercado de fato indicam que a atividade econômica sairá do campo negativo ainda este ano. O crescimento previsto, porém, é bastante modesto, próximo de 0,5%, e não deve impactar de modo significativo uma das variáveis cruciais para a confiança dos consumidores, o desemprego. As boas notícias ficam por conta da trajetória decrescente dos juros e da inflação.

Custo de vida é o que mais pesa na vida financeira dos consumidores

Nestes tempos de crise, quase a metade dos consumidores (49,0%) mencionam o custo de vida como o fator que mais tem pesado na vida financeira familiar. Com efeito, apesar de vermos a inflação recuar agora, a alta dos preços nos últimos anos foi bastante expressiva. O avanço dos preços coincidiu com o avanço do desemprego, tornando mais difícil a manutenção do padrão de consumo. O desemprego também se destaca entre os fatores a pesar na vida financeira familiar sendo mencionado por 20,8%. Aparecem em seguida a queda dos ganhos mensais (11,5%); e o endividamento (10,9%). Só 6,1% dizem não ter nada pesando em sua vida financeira familiar.

Se o custo de vida incomoda, é nos supermercados que os consumidores mais percebem o aumento dos preços: 65,9% notaram que os preços aumentaram nesses locais. Para 61,0%, também aumentou o preço da energia elétrica. Nas tarifas de telefone, preço de roupas e de itens de bares e restaurante, essa percepção foi menos acentuada. Esses últimos produtos e serviços, por não serem de primeira necessidade, têm de fato uma margem menor para promover aumentos de preços. Vale destacar, ainda, a quantidade de respondentes que indicam não saber avaliar a trajetória dos preços para esses itens é maior, indicando a possibilidade de um consumo menor.

Percepção dos preços	Aumentaram	Permaneceram iguais	Diminuíram	Não sei
Supermercado	65,9%	24,9%	6,6%	2,6%
Conta de Luz	61,0%	28,5%	7,4%	3,1%
Telefonia	38,5%	45,5%	6,4%	9,6%
Roupas e Calçados	37,9%	32,9%	11,0%	18,3%
Bares e Restaurantes	32,4%	27,1%	11,0%	29,5%

Apesar de o desemprego continuar subindo, a maioria relativa (37,2%) diz não ter receio de ser demitido. Praticamente um terço (33,7%) que avalia como baixo o risco de ser demitido, enquanto 21,0% avaliam como médio e 8,0% avaliam como alto. Dentro de casa, porém, 42,6% dizem ter alguém desempregado. A variável do desemprego é um indicador crucial para da recuperação econômica e da confiança dos consumidores. Ainda, segue crescendo o número de desempregados. De acordo com o IBGE, no trimestre terminado em fevereiro, havia 13,5 milhões de desempregados no país.

Metodologia

Para o cálculo do Indicador de Confiança, aplica-se, sobre uma amostra de 801 casos, um questionário com quatro questões principais. Por essas questões, mede-se: 1) a avaliação dos consumidores sobre o momento atual da economia; 2) a avaliação sobre a própria vida financeira; 3) a percepção sobre o futuro da economia e 4) a percepção sobre o futuro da própria vida financeira.

Cada uma das quatro questões tem opções de respostas que vão da mais otimista à mais pessimista, no caso das projeções, e da mais positiva à mais negativa, no caso das avaliações. Entre os extremos, há a resposta neutra, que não denota nem otimismo nem pessimismo. A marca de 50 pontos foi escolhida para representar a situação limite em que todos os entrevistados estão neutros na avaliação de todos os quesitos. Quanto maior a proporção de entrevistados otimistas, maior tende a ser o valor do indicador. Analogamente, quanto maior a proporção de entrevistados pessimistas, menor o valor do indicador. Acima do nível neutro, o indicador mostra os consumidores confiantes; abaixo dessa marca, mostra consumidores sem confiança.

Além das questões base do indicador, procura-se compreender as razões que levam os entrevistados ao otimismo ou ao pessimismo. Um bloco de questões também avalia a conjuntura do ponto de vista emprego e da inflação. A pesquisa abrangeu 12 capitais das cinco regiões brasileira, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Goiânia, Manaus e Belém. Juntas, essas cidades somam aproximadamente 80% da população residente nas capitais. A amostra, de 801 casos, foi composta por pessoas com idade superior ou igual a 18 anos, de ambos os sexos e de todas as classes sociais. Os dados foram coletados via web e presencialmente entre os dias 02 e 15 de março.

